



PAZ - AMOR - TRABALHO

Associação Cultural e Beneficente Mudança Interior

BOLETIM INFORMATIVO

OUTUBRO 2010

ANO 3 NÚMERO 34

www.acbmi.org



Olha bem meus olhos: vêς neles um lago?

Como espelho da alma que são, queria que refletissem uma placidez conquistada, profunda, após tantas agitações de superfície e de fundo.

Queria que meus olhos lagos refletissem a conquista da paz e da sabedoria; queria...

Queria tantas coisas que apenas ainda são meros desejos e trabalhos futuros...

Não sou poetisa, não tenho merecimento para o ser: apenas digo, apenas falo aquilo que me vai na alma. E o que me vai na alma é o agradecimento ao Pai pelas flores, pelos frutos dos amores, pelos beijos de uma mãe, pela mão dada de uma criança, pela dor que nos faz crescer...

Por vezes, fazem de mim exemplo, quando as malhas do vício ainda me aprisionam a alma.

Basta que às vezes nos vejam entrevados nas camas que já fazem de nós mártires da perfeição.

Pura ilusão; não é assim, não. Ajuda-nos a purgar muitos bolores, ajuda-nos a purgar muitos sofrimentos infligidos aos outros, mas continuamos muito aquém da perfeição.

Não me lembrem como poetisa: tantos que melhor do que eu escreveram versos do além e no anonimato vão...

E vão felizes sem homenagens (que as homenagens são imerecidas e vãs), lembrados apenas nos gestos, na bondade, nos sorrisos, nas palavras sinceras e amigas, no carinho, no companheirismo, na paciência, no amor, na alegria – tal como eu queria ser lembrada, se essas qualidades ao vosso coração tivesse.

Lembrem-se de mim, mas não me homenageiem, pois tanto que tenho que aprender, que percorrer, tanto que tenho que me transformar! E tanto que ficou por fazer, e tanto que não posso fazer pelo que não aprendi e pelo que não me transformei!

Nada de homenagens. Lembrem-se de mim por aquilo que vos fui e por aquilo que fiz no recato da noturna solidão, haja luar ou não, e alguma saudade volte a unir-nos. E unidos assim louvemos a Deus pelas coisas simples da vida com a simplicidade que a vida é! Louvemo-lo pelo sol e pelo mar com o semicerrar de olhos e o inspirar profundo; louvemo-lo pela imensidão do universo sentindo religiosa a nossa pequenez; louvemo-lo por nos ter criado amando indistintamente o nosso irmão.

Olha bem meus olhos. A água que neles vêς pode ser de lágrimas; lágrimas por nada, lágrimas de sensibilidade a uma presença invisível, lágrimas de sensibilidade a uma não presença visível, lágrimas de frémios da alma ante o apelo divino. Por isso podem parecer-te um lago. Ou duas pequenas lagoas, ainda escuras da pouca luz na madrugada do ser.

Sofia [Lago]

Psicografia de APS



A Sofia é sem dúvida um dos espíritos mais lúcidos com que tive o prazer de conviver nesta vida. Estudiosa e conhecedora profunda da doutrina espírita, sempre disposta a partilhá-la com os outros. Estou imensamente grata pela oportunidade de conviver e aprender com ela. Espírito de grande sensibilidade, alegre e convicta, enquanto encarnada nunca deixou de defender e divulgar os princípios em que acreditava, de ser a amiga de todas as horas, e de ensinar-nos, pelo seu exemplo, uma das mais belas lições de fé e de absoluta confiança em Deus, nosso Pai e Criador, na forma corajosa como conviveu com a doença até ao desencarne. Obrigado, Sofia.

Paula Amorim

Evangelho no Lar

06/10 – Nada há encoberto que não venha a descobrir-se, nem oculto que não venha a conhecer-se. – Lc 12, 2

As trevas e o mal não existem como criação independente: a sua existência deve-se à ausência de luz e de bem. O *fiat lux (faça-se luz)* inicia o processo de criação, que, como processo, decorre no tempo. Assim, vai-se fazendo progressivamente mais luz, que vai permitindo descobrir o que está encoberto e conhecer o que está oculto. Até ao dia em que tudo nos fique claro.

13/10 – Nas aldeias, cidades ou campos, onde quer que entrasse, colocavam os doentes nas praças e rogavam-lhe que os deixasse tocar pelos menos as franjas das vestes. E quantos o tocavam ficavam curados. – Mc 6, 56

Jesus exemplificou tudo quanto ensinou; aliás, o mais eficaz ensinamento é o exemplo. Esta é ainda uma lição para nós, que tanto buscamos pedagogias e não tomamos a do Mestre. A medicina está aí para curar os corpos, mas continua por fazer o trabalho de curar as almas, a começar pelas nossas – e o processo de cura inicia-se pela passagem da teoria à prática.

20/10 – Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos. – Mt 22, 14

Somos chamados a quê? À renovação de atitudes, de sentimentos, de pensamentos. Somos chamados ao compromisso ativo da construção do reino de Deus em nós, que terá por consequência a construção de um novo paradigma social. Porém, poucos aceitam a renovação e o compromisso; a escolha não é um capricho de Deus, mas uma opção própria.

27/10 – Permanecei em mim, que eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em mim. – Jo 15, 4

Teimamos em não levar a sério esta advertência, porque em verdade não acreditamos que Jesus seja, para nós, o Caminho, a Verdade e a Vida. Se acreditássemos nisto, daríamos mais valor ao Evangelho, esforçando-nos por lhe viver o ensinamento moral, e à oração, para ligados a Deus termos mais força para vencer os nossos vícios e más inclinações – que nos afastam dos ensinamentos evangélicos.

DIVULGUE E ENSINE A PRÁTICA DO EVANGELHO NO LAR.

Somos Espíritos

"O estado feliz ou desgraçado de um Espírito é inerente ao seu grau de pureza ou impureza. A completa felicidade prende-se à perfeição. Toda imperfeição é causa de sofrimento e toda virtude é fonte de prazer." – Allan Kardec

A verdade é que a morte não nos torna santos. Muitos daqueles que eram considerados santos, ao desencarnar, depararam-se com a realidade que em nada se parece com estado de graça.

Apesar da evolução social alcançada e da difusão de conhecimentos em torno das leis espirituais e da realidade da vida espiritual, ainda se tem por hábito transformar as pessoas em anjos e santos após deixarem o mundo físico.

Baseamo-nos no conhecimento superficial que tínhamos delas, ou seja, que eram boas pessoas, demonstravam ser altruístas, faziam discursos contra a violência, tinham vontade de transformar o mundo em um ambiente melhor e harmônico de oportunidade material para todos e prestavam ajuda aos que delas necessitassem.

Não podemos negar que tais ações promovem conquistas espirituais, tanto para quem as pratica quanto para quem as recebe. Porém, não sabemos o grau de evolução ou de comprometimento encarnacional de nenhum espírito tido como benfeitor, o qual com certeza será ajudado durante seu processo de desencarne, mas que poderá passar por transtornos no plano espiritual e até mesmo transformar-se em um espírito perturbador, dependendo do teor da realidade de que tomará conhecimento e de seu grau de aceitação.

Pessoas com o pensamento e com ações benéficas têm no mundo físico uma vida relativamente boa, que lhes dá possibilidades para certas ações. Os que se encontram ao seu redor, os amam muito, mas também insuflam-lhes o crescimento do ego ao colocá-los em um patamar que talvez não estejam realmente.

Um exemplo disso encontramos no livro *"O Martírio dos Suicidas"*. Uma jovem muito bondosa, que tomava conta da mãe idosa e era chamada por todos de santa e à qual ainda diziam que ao morrer iria para o céu.

Iludida, e ao mesmo tempo achando-se em tal patamar, é que toma a decisão de suicidar-se, para ver sua corte de anjos e arcanjos e ir morar ao lado do Senhor.

Seus inimigos desencarnados, logo aproveitam-se de tal pensamento e a induzem de forma viril a sorver o veneno adquirido para esse intento. No momento da consumação do ato, ela tenta desistir, mas seus algozes não permitem.

Uma vez no plano espiritual, percebe que a corte de anjos e arcanjos e que o trono do Senhor estava muito distante do ambiente onde fora parar. Acusada de suicida e egoísta, pois nem mesmo pensara na mãe que haveria de ficar só, já que só com ela contava, sofre padecimentos terríveis.

Atualmente encontra-se em cartaz no Brasil, uma telenovela de temática espírita, *"Escrito nas Estrelas"*, de Elisabeth Jhin, na qual acompanhamos a trajetória de um espírito, Daniel, personagem que desencarna de acidente em pleno vigor da juventude e onde podemos ver a forma como muitos de nós encara a realidade no plano espiritual e como o apego às coisas da Terra, por melhores que tenhamos sido, pode atrapalhar o processo de crescimento e até mesmo transformamo-nos em espíritos perturbados.

Filho muito amado pelo pai, que permanece na Terra, jovem de grandes ideais na luta contra a pobreza e marginalização do ser, é amparado pela mãe já desencarnada e tem o privilégio de ser levado para uma colônia onde terá que aprender a desligar-se dos valores terrenos, principalmente transformar seus sentimentos ainda inferiores de amor egoístico em um amor sublime para que possa crescer enquanto Espírito.

O bom rapaz, entretanto, ao começar sua caminhada rumo a um processo de aprendizado para melhor evoluir, depara-se com a sua realidade e não consegue afastar-se da Terra devido ao amor por uma jovem, que fizera parte do seu passado. Ao perceber a ligação dessa jovem com seu pai, opera-se uma mudança em seu estado mental, que o transforma. O antes benemérito, agora quer a todo custo promover o desencarne da jovem, para que seja apenas dele. Constantemente foge dos que o amparam, para insuflar o afastamento dela de seu pai

Suas energias antes favoráveis, que faziam bem ao ambiente quando estava presente, agora passam a deixar todos incomodados

A sua realidade é que fora algoz no passado daqueles que muito amava, no caso seu pai e esta jovem, deixando-a viúva, e sua missão na atual encarnação era unir aqueles que um dia havia separado.

Mas Daniel revolta-se e não quer aceitar essa realidade, dando muito trabalho ao seus guias espirituais, rebelando-se por haver desencarnado e querer a todo custo retornar à Terra e à mesma vida que tinha para viver um grande amor com essa mulher a qual amara no passado e que reaparece em sua vida no momento em que desencarna.

Porém, essa mulher nunca lhe pertencera, ele fora um instrumento de sofrimento no seu passado e terá que aprender a amar essa mulher, não mais de forma egoística, aprender que estamos sujeitos à Lei de Causa e Efeito, pois o objetivo da vida é alcançarmos o equilíbrio e transformarmo-nos em Espíritos evoluídos livres dos laços materiais.

Esse jovem teria que desencarnar para unir os antigos amantes que havia separado? Será que não poderia permanecer sobre a Terra e promover esse reencontro?

Há casos e casos. Há casos em que o espírito já alcançou um certo grau de maturidade e tem a consciência de que é preciso que as coisas aconteçam de modo contrário ao seu desejo, porque estará dando cumprimento a um resgate para promover a harmonia sobre um acontecimento do passado. Mesmo que não tenha conhecimento sobre as leis espirituais, o espírito tem em si esse sentimento.

E há casos em que o espírito poderia voltar a cometer todos os atos do passado e pôr a perder novamente a sua encarnação bem como a de seus companheiros de jornada. É o caso de Daniel, que, mesmo desencarnado, na medida em que sua mente se esclarece, a aceitação da realidade não é por ele cogitada, e quer cometer novamente o mesmo ato.

Tivesse ele permanecido encarnado e ao perceber a aproximação da jovem com seu pai, sentir-se-ia traído, e, no ímpeto de um amor egoísta, não vacilaria em mais uma vez eliminar a vida daquele que agora era seu pai, a fim de dar prosseguimento a seus planos. Estando porém desencarnado, em sua ânsia para ter o ser amado ao seu lado, planeja o desencarne da jovem.

O espírito, nessa condição, não percebe que seus atos podem levar ao afastamento daquele que é seu objeto de desejo, pois ele é egoísta e vê apenas o seu próprio benefício. Ao mesmo tempo também não percebe que esse benefício que almeja arrasta-o para um processo de atraso em sua evolução e acarreta para ele mais comprometimentos em nível da Lei de Causa e Efeito.

No plano espiritual, os que desencarnam passam por momentos dolorosos ante a sua realidade, e nós que aqui ficamos com a imagem de benfeitores daqueles que partiram, também somos egoístas. Pensando em ver realizados nossos desejos, e ainda na idéia de que os que partiram viram super-heróis, fazemos de nossas preces peditórios diários a esses desencarnados, para que venham em nosso auxílio.

O melhor que temos a fazer é orar por aqueles que partem ou partiram, tenham sido eles exemplos de beatitudes na Terra, ou não. Não sabemos o que se passa no íntimo dos espíritos, não sabemos qual é sua verdadeira condição no âmbito espiritual. Simplesmente oremos solicitando a Deus que os ampare e que acima de tudo não se revoltam com sua nova condição, aceitando-a, percebendo que permanecem vivos e que apenas mudaram de plano, para o plano de vida real.

Solange Souza – A.E. Caminheiros do Amor (Braga)

Somos Espíritos

ASSUMIR A RESPONSABILIDADE PELOS NOSSOS ATOS E NOSSA VIDA

“...Porque uns nascem na miséria e outros na opulência, sem nada terem feito para justificar essa posição? Porque para uns nada dá certo, enquanto que para outros tudo parece sorrir?”

“...As vicissitudes da vida têm, pois, uma causa, e, uma vez que Deus é justo, essa causa deve ser justa. Eis do que cada um deve compenetrar-se bem...” (ESE Cap. V, item 3.)

Assumir a responsabilidade pelo que nos acontece na vida, incluindo os nossos pensamentos, sentimentos e emoções, é um passo decisivo para a nossa mudança e crescimento interior.

A maioria de nós tem a tendência de acusar a vida, as pessoas, a sociedade, os governos e até a Natureza e o próprio Deus. Este vício é património tão antigo como a própria raça humana, que na sua maioria cresceu aprendendo a raciocinar desse modo, criticando e censurando tudo e todos sem nunca pensar em examinar-se a si próprio. Já há 2000 anos Jesus dizia “Vedes um argueiro no olho do outro e não vedes uma trave no vosso”.

Inconscientemente fomos assimilando o “mito do vitimismo”. Nas já remotas religiões politeístas por onde todos nós já passamos durante as várias encarnações, os deuses que nessa altura nos deram a conhecer eram temperamentais e nos castigavam ou premiavam conforme assim o decidissem, e por termos sido vítimas desses deuses é que aprendemos também a usar de técnicas para acalmar a sua ira, fazendo-lhe ofertas. A Júpiter no Olimpo, a Neptuno nas atividades dos mares, a Vénus nas áreas afetivas, a Plutão que era o deus dos mortos e dos infernos, e por aí adiante.

Aprendemos a justificar com perfeição os erros às vezes graves dos nossos comportamentos, dizendo que fomos abandonados pelos deuses, que a conjunção dos astros não era propícia naquela altura, que a lua estava em quarto minguante, que nascemos com uma má estrela, etc.

Muitos ainda acreditam que são vítimas do pecado de Adão e Eva e da crença de um deus judaico que privilegia um povo e despreza os outros, surgindo assim a ideia da hegemonia divina das nações.

Há ainda os que acreditam serem “vítimas da fatalidade”, continuando a culpar tudo e todos pelos seus infortúnios, dizendo que são influenciados pela herança genética e pela forma como foram criados e que não conseguem ser nem fazer nada do que querem. Sentem-se vítimas impotentes e indefesas perante um destino cruel e dizem com frequência: “eu não merecia isto”, “a vida é injusta comigo”, ficando assim sem forças e sem capacidade para mudar, e desculpam suas atitudes erradas ou infelizes dizendo:

“os meus problemas são por causa da minha família” ou , “os outros fazem sempre isto comigo”.

Estas pessoas não sabem nem imaginam que são os arquitetos do seu próprio destino e que o que fizeram no passado determinou o que passam no presente e o que fizerem hoje vai determinar o que irão passar no futuro. Não sabem que a sua maneira de pensar e agir é que “materializa” as pessoas e as situações à sua volta. Desconhecem que os causadores dos nossos problemas somos apenas nós próprios e que quando nos preparamos para nascer somos atraídos para o lar e a família que mais se propicia ou adequa à resolução dos nossos problemas e erros do passado e que se porventura somos constantemente maltratados é porque também já o fizemos ou continuamos a fazê-lo, aos outros ou a nós próprios.

Chega de pensar erradamente. Culpar os outros por atos dos quais só nós somos culpados jamais irá resolver ou corrigir os nossos erros, assumamos em definitivo a responsabilidade pelos nossos atos.

Ninguém pode obrigar-nos a pensar, agir ou sentir de determinada maneira sem a nossa permissão.

Poderão incentivar-nos a ter certo tipo de reação, mas somente nós mesmos determinamos quais e como serão essas reações.

È chegada a hora de assumirmos o comando das nossas vidas e deixarmos-nos de ser infantis como crianças mimadas e frágeis que reclamam por tudo e por nada como se fossem “vítimas do destino”.

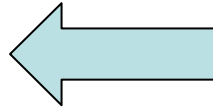
Admitir a responsabilidade total dos nossos atos e das suas consequências e aceitar a realidade da vida segundo as verdadeiras leis da existência e assumi-las, irá alterar completamente o rumo da nossa vida, empurrando-nos a passos mais largos para o caminho da perfeição.

Em vez de culparmos os outros pelos nossos fracassos e derrotas, lembremo-nos que se Deus é justo, os efeitos que estamos a sentir são também justos em relação á causa que lhes deu origem, e que é com certeza da nossa inteira responsabilidade. Aceitemos isso sem medo, com a verdadeira fé, na certeza de que se assim o fizermos, rapidamente estaremos acima de todas essas fraquezas humanas.

NOTICIARIO DE SETEMBRO



Dia 10: Solange Souza, da Associação Espírita Caminheiros do Amor - Braga



<http://apontamentosespiritas.blogspot.com/>

<http://www.youtube.com/watch?v=0AMXQ0AjjB>

Dia 17: Jovens do Centro Cultural Espírita do Funchal (Carlota, Sara e Sofia) e a dirigente Manuela Vieira, com o tema “Eutanásia”...

... e o **Moacyr Camargo**, com a sua espiritualizada música.

Caros amigos, dirigentes e trabalhadores da ACBMI:

Congratulo-me pela possibilidade que nos deram de passar convosco a mensagem do Espiritismo através da música, com o convívio salutar, com a amizade com que nos receberam e com o ambiente salutar que vos é próprio.

Iniciativas como estas, visam a união dos homens em torno de um bem comum, o da espiritualidade.

O nosso coração saiu deste III Festival de Música mais certo de que o mundo de regeneração está próximo e que todos contribuímos para a sua chegada.

Abraços reconhecidos

Filomena Lencastre



“Não”

Por vezes, damos por nós a pensar qual será a dor de um corte e em que zona do corpo a dor seria maior, mas muitos de nós nunca paramos para pensar na gravidade de um ferimento causado por pequenos sons pronunciados pelos nossos lábios, as palavras.

O quão profundo é o golpe provocado pela palavra “não” a um pedido de ajuda? E quando pronunciada por aqueles que se intitulam “nossos amigos”? Amigos que outrora gritaram por ajuda perante um grande desespero e a quem sempre socorremos sem hesitar e hoje ignoram a nossa agonia, o nosso desespero, deixando no esquecimento a ajuda que já receberam.

“Não”. Três letras, uma sílaba, simples significado, estrondoso efeito. Quantos de nós já não ouvimos esta palavra como resposta a um pedido de ajuda, a um abraço, a um conforto. Doeu, não foi? E nós, conseguimos dizê-la? Conseguimos negar ajuda a alguém? E se esse alguém já nos negou ajuda um dia? O que faremos? Ignoramos ou ajudamos? Talvez se não possuíssemos o conhecimento de uma nova realidade que possuímos agora, adquirido através do espiritismo, talvez o fizéssemos, mas estará certo dizer sempre que sim àqueles que apenas sabem dizer que não? Àqueles que ignoraram as nossas lágrimas, o nosso sofrimento, espezinham-nos ou riram da nossa tristeza? Acima de tudo temos que agir de acordo com a nossa consciência, com os nossos valores e principalmente com o nosso coração. Este por vezes dorido de tanto sofrimento indica-nos a direção errada, levando-nos a negar ajuda ao nosso próximo. Mas se Jesus deu a outra face, porque não o fazemos? Hoje em dia, as pessoas tendem a aumentar o seu nível de instrução académica, porém espiritualmente o empenho no conhecimento do desconhecido é quase nulo, a espiritualidade é ainda um assunto tabu. Se assim não fosse, a resistência em ajudar o próximo seria menor, pois como todos sabemos a caridade e a interajuda são elementos fundamentais na construção de uma existência melhor. Talvez fosse mais fácil negar ajuda, porém é necessário cultivar a mudança, plantar a semente da caridade naqueles que outrora nos negaram ajuda, a vontade de melhorar e aprender. Aprender que nada acaba e que o que fazemos hoje terá repercussões noutra vida. A ajuda que hoje negarmos ser-nos-á negada. Eu sei, não é fácil ajudar e nunca receber nada em troca, mas Jesus também sofreu e não tinha culpa, não tinha qualquer imperfeição, fê-lo para nos deixar um exemplo e uma mensagem, “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.”

Devemos ajudar aqueles que já nos negaram ajuda? Cabe a cada um escolher qual o caminho que pretende seguir.

Sara Correia

*Ai se eu pudesse falar
Dizer aquilo que sinto
Consegui sair
Dum grande labirinto*

*Muitos quelhos percorri
Muitos muros derrubei
Que mais posso dizer
Hoje me libertei*

*Como é bela a liberdade
Se a soubermos usar
Eu tanto queria
Aprender de novo amar*

*Com a ajuda de Jesus
Sei que vou conseguir
Muito tenho que trabalhar
Muito tenho que construir*

*Com bom ânimo vou seguindo
Carregando minha cruz
Ajudando quem precisa
Seguindo o Mestre Jesus*

Emília Carvalho